

Area: PS.ORGANIZACIONAL

De Nenezes Selles Ribeiro Rosaura; Rodolpho Agatti Antonio Paschoal; Rechulski Janice

UNIV. EST. PAULISTA-GUARATINGUETA USP-SP

(BRASIL)

O TRABALHADOR EM AMBIENTE DE ALTA TECNOLOGIA

É apresentado um método de análise qualitativa que permite o estudo dos fenômenos psicológicos sofridos por trabalhadores de ambientes afetados por tecnologia sofisticada.

Tem-se como base o método da psicopatologia do trabalho (Dejours, 1988). É uma abordagem que relaciona a vivência do indivíduo com a organização do trabalho. São discutidos conceitos básicos.

A coleta de dados se dá em entrevistas entre um coletivo de trabalhadores e um grupo de pesquisadores, estabelecendo-se uma relação intersubjetiva com o intuito de captar como subjetivamente sentem o trabalho: se com prazer, se com sofrimento, quais condições psicológicas que lhes são adversas, como se defendem do sofrimento sem chegar a adoecer mentalmente.

São analisadas as dificuldades de aplicação desse modelo aos objetivos propostos. São desenvolvidos modelos complementares para atender a requisitos ainda não contemplados, tais como o trabalho em turnos, executado por trabalhadores sem forte organização sindical. É preciso fazer uma simulação abstrata, levantando-se hipóteses sobre quais fatores atingem psicologicamente os trabalhadores-sujeitos e qual sua reação a eles. Para auxiliar a leitura do material colhido durante as entrevistas coletivas é montada a chamada matriz das manifestações dos sentimentos. As informações são condensadas em uma nova tabela que ressalta os pontos que são mais importantes a pesquisa. É a matriz das vivências, base de um estudo dos fenômenos psicológicos que permitam a formação do conhecimento da realidade percebida pelo trabalhador. O método foi aplicado a operadores de computador em um sofisticado centro de processamento e os resultados são analisados. Como um resultado

interessante tem-se que a organização do trabalho é muito mais nociva ao trabalhador do que peculiaridades impostas pela alta tecnologia. Chegou-se à conclusão que há um ganho na compreensão do trabalho quando se consulta o que os trabalhadores sentem.